

HISTORIA MAGISTRA VITAE: ROMA COMO TÓPICO DE HISTÓRIA UNIVERSAL NA INTERPRETAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Luis Carlos Martins¹

Resumo

Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto maior que pretende analisar a forma como “tópicos” da Política Romana são (re)apropriados no Brasil para “explicar” a sua “realidade atual”, quer seja pelo discurso didático-pedagógico, quer seja pela discussão política contemporânea. Para essa pesquisa, optei por um corpus documental composto por postagens feitas na internet, por intermédio das quais procuro identificar os itens mais recorrentes e difundidos sobre a questão na sociedade brasileira contemporânea. Parto do princípio de que estes diversos discursos têm feito uso de uma percepção muito arraigada no imaginário político ocidental que tem Roma como um símbolo de “decadência moral e política”, com forte ênfase em temas como “corrupção”, “ambição desenfreada pelo poder”, “manipulação política” e “passividade das massas”. Essa pesquisa pretende identificar quais apropriações são atualmente correntes na sociedade brasileira e que visão dessa sociedade é transmitida a partir dessa leitura do mundo romano.

Palavras-chave

Roma - Decadência - Corrupção - Política - Brasil Atual

¹ Professor Doutor, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Abstract

This paper presents partial results of a larger project that aims to analyze how "topics" of Roman Politics are appropriate in Brazil to "explain" its "current reality", whether by didactic-pedagogical discourse or by political discussion. Contemporary For this research, I opted for a documentary corpus composed of posts made on the Internet, through which I try to identify the most recurrent and widespread items on the issue in contemporary Brazilian society. I assume that these various discourses have made use of a very ingrained perception in the Western political imagination that has Rome as a symbol of "moral and political decay", with a strong emphasis on themes such as "corruption", "unbridled ambition for power"., "Political manipulation" and "mass passivity". This research aims to identify which appropriations are currently current in Brazilian society and which view of this society is transmitted from this reading of the Roman world.

Keywords

Rome - Decay - Corruption - Politics - Brazil Current

Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto maior que pretende analisar a forma como “tópicos” da Política Romana são (re)apropriados no Brasil para “explicar” a sua “realidade atual”, quer seja pelo discurso didático-pedagógico, quer seja pela discussão política contemporânea. Para essa pesquisa, optei por um *corpus* documental composto por postagens feitas na *internet* - cuja metodologia de coleta e de análise de material será explicitada mais à frente -, por intermédio das quais procuro identificar os itens mais recorrentes e difundidos sobre a questão na sociedade brasileira contemporânea.

A ideia original dessa pesquisa surgiu durante o ano de 2015. Já estava refletindo sobre o tema quando, no dia 15 de dezembro de 2015, a Polícia Federal brasileira desencadeou uma mega operação, cumprindo 53 mandados de busca e apreensão expedidos pelo Supremo Tribunal Federal como um desdobramento da *Operação Lava Jato*. Um dos alvos principais da ação foi o então presidente da Câmara dos Deputados, deputado Eduardo Cunha. Para surpresa de muitas pessoas - inclusive a minha -, a ação da PF recebeu o nome de *Operação Catilinárias*. Tendo em vista o nome peculiar dado à Operação, a imprensa, à época, desdobrou-se em esforços para tentar descobrir e explicar a origem do mesmo. No jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, em uma matéria intitulada “Operação da PF é batizada de Catilinárias, em referência a senador romano corrupto”, podemos ler:

A Operação Catilinárias, deflagrada nesta terça-feira, 15, pela Polícia Federal, evoca a série de discursos do cônsul Marco Túlio Cícero contra o nobre conspirador Lúcio Sérgio Catilina, que planejava derrubar o governo romano em 63 antes de Cristo. As “catilinárias” são consideradas obras primas da retórica. **Um dos trechos mais célebres, revisitado hoje, parece ter profetizado o Brasil de Eduardo Cunha e Dilma Rousseff.**²

Mais adiante, a matéria disponibilizada *on line* pelo site do jornal intercala trechos das Catilinárias³ e referências a ações do deputado Eduardo Cunha. Em um deles, procura “explicar” quem é o Catilina descrito por Cícero, da seguinte maneira:

² “Operação da PF é batizada de Catilinárias, em referência a senador romano corrupto”, *O Estado de S. Paulo*, 15 de dezembro de 2015, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/operacao-da-pf-e-batizada-de-catilinarias-em-referencia-a-senador-romano-corrupto/>. Consultado em 03 de setembro de 2019. Todo os grifos em negritos das citações são de responsabilidade do autor deste artigo.

³ Na verdade, tratam-se de pequenos enxertos supostamente extraídos da *Primeira Catilinária*, sem que o jornal propriamente indique a fonte utilizada para fazer as citações.

Nos discursos, **Catilina é descrito como um homem desmascarado, mas que resiste em sua campanha anarquista e supostamente contrária ao interesse público.** [...]

No Conselho de Ética, **Cunha é acusado de mentir aos pares ao dizer aos pares que não mantinha contas na Suíça.** As investigações da Procuradoria-Geral da República (PGR) mostram que parte do dinheiro mantido no exterior teria sido desviado de um contrato da Petrobrás.

Outros periódicos de circulação nacional também aderiram a esta empreitada de “explicar” a origem do nome da *Operação* da PF, mas praticamente repetiram as mesmas informações e alusões encontradas no *Estadão*, inclusive com frases idênticas. Muito provavelmente isto ocorreu porque a fonte das informações era a mesma, ou seja, a *Agência Brasil*, órgão público de comunicação ligada à *Empresa Brasileira de Comunicações*, instituição vinculada à *Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República* (Secom). Além das matérias dos jornais, o nome dado à ação da PF também foi objeto de interpretação por parte de alguns articulistas e “blogueiros” brasileiros. Em um dos casos, podemos ler o seguinte:

Mais palpável do que qualquer coisa que a Polícia Federal possa ter encontrado na casa de Eduardo Cunha é **a relação umbilical que liga o traidor romano Catilina ao (ainda) atual presidente da Câmara.** [...]

Apesar de mais de dois mil anos que se passaram entre o nascimento de um e de outro, **as semelhanças entre ambos são gritantes.** [...]

Os dois parlamentares estão unidos, apesar dos séculos que os abismam, pelo mesmo ancestral desejo de dinheiro e poder a todo custo que são comuns aos homens de índoles inferiores. Catilina talvez seja o pai dos políticos demagogos. Sempre com discursos inflamados em defesa do povo, pairavam sérias dúvidas sobre seu caráter [...].

O que o Brasil vive hoje com a figura indigesta de Eduardo Cunha é **uma espécie de remake super-produzido do que o império romano viveu com Catilina e seus aliados.** A grande diferença é que o nosso Cícero, Rodrigo Janot, está longe de ser um defensor contumaz da justiça.⁴

Poderíamos continuar expandindo as citações, mas, para o objetivo da introdução do artigo, os trechos acima já são suficientes. Inicialmente, a um historiador familiarizado com a História Romana, tais passagens já chamariam atenção pelos próprios erros que contém – alguns bastante eloquentes, como a classificação de Catilina como “anarquista” e a localização do episódio das Catilinárias no “império romano”. Todavia, minha preocupação não está em – apenas – falsear as afirmações históricas contidas no material em estudo, mas apontar para duas formas de uso da

⁴ FERNANDES, Carlos. As semelhanças entre Cunha e Catilina. In.: *Diário do Centro do Mundo*, 15 de dezembro de 2015, disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/as-semelhancas-entre-cunha-e-catilina-por-carlos-fernandes/>, consultado em 20 de setembro de 2019.

História e notadamente da História de Roma que ele contém: a primeira está no emprego de “tópicos” sobre a política romana para interpretar a realidade brasileira atual através de um “método intuitivo” segundo o qual a comparação com uma sociedade histórica do passado - em busca de analogias e similitudes - seria uma chave de interpretação do presente; a segunda, associada à primeira, encontra-se na tendência de se procurar neste passado uma espécie de universalidade de comportamentos políticos, em especial no que se refere à suposta identificação de “características políticas invariáveis” como a “corrupção” e a “ambição desenfreada” pelo “poder” e/ou “dinheiro”, para o que Roma transforma-se em uma referência constante.⁵

Como pesquisador dedicado ao estudo da política romana - com especial interesse pelas percepções sobre a “crise” da República no I século a.C., tema em relação ao qual as Catilinárias são uma fonte imprescindível -, essa referência a Catilina não podia passar despercebida. Todavia, apesar de inusitada, ela não me surpreendeu, na medida em que apenas reforçou a constatação que eu já havia feito há mais tempo sobre a forma como temas relativos à História de Roma, em diferentes momentos e nos mais diversos suportes discursivos, seguidamente emergiam como itens para ilustrar e “explicar” situações relativas à política brasileira contemporânea. Desta maneira, o episódio em questão reforçou meu interesse pelo tema e deu o impulso à pesquisa que agora se encontra em curso.

Roma e o imaginário

Para dar andamento a essa pesquisa, optou-se por investir no conceito de imaginário social. Como o termo “imaginário” tem diferentes e até divergentes acepções, para se compreender melhor o uso que se pretende do mesmo, é importante submetê-lo a alguns esclarecimentos.

A origem da palavra imaginário vem do verbo latino *imaginari*, que significa “formar uma imagem mental de algo”. *Imaginari*, por sua vez, deriva de *imago*, “imagem, representação”, que possui a mesma raiz de *imitari*, ou seja, “copiar, fazer semelhante”. Desta mesma raiz, ainda deriva outra palavra muito usada no vocabulário corrente: “imaginação”, o que

⁵ Como podemos ilustrar por esse comentário de uma das leituras de um artigo sobre o tema postado na internet: “A história se repete..... Atos praticados hoje pelos detentores do poder, em qualquer (*sic*) nível, não são novidade... Corrupção é instituição” (“Catilinárias, Eduardo Cunha e a Roma Antiga: A República e seus suspiros!”, in: Jusbrasil, disponível em <https://guilhermetelesadv.jusbrasil.com.br/artigos/267571612/catilinas-eduardo-cunha-e-a-roma-antiga>, consultado em 15 de setembro de 2019.

nos permite concluir que a palavra imaginário e seus diferentes usos estão associados também à imagem e à imaginação.⁶

Com significados tão difusos, mas ao mesmo tempo tão ricos, o termo imaginário ficou sujeito a diversas apropriações, mas, entre os séculos XIX e XX, ele se torna ferramenta conceitual de diferentes áreas do conhecimento, desde a filosofia e a epistemologia (Gaston Bachelard, Michel Mafesolli, Edgar Morin), passando pela psicanálise (Freud, Jung), pela antropologia (Gilbert Durand) e chegando à História (George Dumézil, George Duby, Jacques LeGoff).

Entretanto, a definição de um conceito unívoco de imaginário para uso acadêmico ainda está longe de ser resolvida, não havendo consenso entre os pesquisadores. Todavia, é possível classificar o uso do conceito - ou melhor, conceitos - em dois grandes grupos. De um lado, temos uma perspectiva ligada à psicanálise e à antropologia que percebe o imaginário como sendo objeto do inconsciente humano, universal e atemporal, formado por relações de sentidos ancestralmente construídas e que se originam da relação entre o homem, suas funções corporais (alimentação, copulação, etc.) e os elementos da natureza (matérias). A história é só uma forma concreta de materialização destas disposições e deve ser estudada para a compreensão do manancial estruturante e significativo do imaginário. É nessa linha que se encontram os estudos de Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Carl Jung. De outro lado, temos uma visão histórico-social, segundo a qual o imaginário é fundamentalmente objeto da cultura das sociedades humanas. Embora possa se falar em elementos inconscientes ou pré-conscientes no imaginário, ele é formado pela ação histórica do homem, em tempo e lugares específicos. Sua compreensão só pode se dar a partir da interpretação contextualizada, através de séries de fenômenos encontrados em uma mesma formação econômico-social, sendo esse o principal motivo de normalmente o termo imaginário vir acompanhado do adjetivo social nesses estudos. É nessa linha que se encontram as investigações na área da História, promovidos por autores como AUGUET & CAZENAVE (1995), BACZKO (1985) e GIRARDET (1987). Para esses pesquisadores, embora o imaginário social esteja presente em mitos e na cultura popular (folclore), nas sociedades contemporâneas, são as obras de ficção (cinema, literatura) que constituem os pontos essenciais para a sua atualização, devido a sua capacidade de

⁶ Sobre os termos latinos, ver as obras de referência: CLEDAT, L. Vocabulaire Latin : familles et groupements de mots. Paris : Librairie Armand Colin, 1924, ERNOUT, Alfred. Morphologie historique du latin. Paris : C. Klincksieck, 1945. xiii, 404 p., Thesaurus linguae latinae. Lipsiae [i.e. Leipzig] : In Aedibus B.G. Teubneri, 1900-1960 v. e Gaffiot, F.. Dictionnaire abrégé latin français. Paris : Hachette, 1936. 720 p.

compor narrativas interpeladoras, que dão vida aos elementos mais profundos do imaginário, ao mesmo tempo, que lhe associam novos, derivados do contexto sociocultural em que são produzidos.

No que se refere propriamente ao caso romano, partimos da hipótese geral de que a apropriação de tópicos da política romana pela cultura contemporânea - notadamente por obras literárias, cinematográficas e mesmo lúdicas, como jogos - tem contribuído para a construção/consolidação de um *imaginário político* associado à “decadência” das sociedades ocidentais, através de temas como “corrupção”, “ambição pessoal”, “manipulação”, etc., como têm demonstrados RESLER (1981) e Santo MAZZARINO (1983). Igualmente, parte-se da hipótese específica a ser testada na pesquisa agora em curso de que tais “tópicos” da política romana estão presentes na interpretação da realidade política brasileira atual a partir da construção/atualização do que aqui estamos considerando “imaginário da decadência política”.

A decadência: mito e narrativa de uma queda sem fim

A República e, notadamente, o Império Romano estão entre os períodos que mais proporcionaram temas para ilustrar teses e interpretações sobre diversos aspectos da história humana, quer seja do ponto de vista político, econômico e, especialmente, moral. Tal tradição inicia já na própria antiguidade, como nos ilustram Políbio, Salústio, Tito Lívio e, notadamente, Cícero cuja célebre expressão *historia magistra vitae* referia-se, sobretudo, ao passado das instituições romanas como um grande manancial de lições acerca da melhor forma de governo.⁷ O tema manteve interesse nos escritos de filósofos e de teólogos medievais, preocupados com a “queda de Roma”, mas ganhou um grande fôlego com o Renascimento e o Iluminismo, quando seus principais pensadores foram procurar nos romanos exemplos para o desenvolvimento de seus tratados políticos e de suas filosofias da História. Desta forma, não surpreende notar que Maquiavel, cuja obra *O Príncipe* já apresenta muitos casos retirados da história de Roma, vá buscar em Tito Lívio inspiração para outro escrito fundamental de sua teoria política: o *Comentário a Primeira*

⁷ “*Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*”. Cf. De oratore, II, 9, 36, in: M. T. Cicerón, *El Orador*, ed. bilíngue, texto revisado e traduzido por A. Tovar e A. R. Bujaldón, Barcelona, Alma Mater, 1967. *E quanto à história, a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida de memória, a mestra da vida, a mensageira do passado, com que voz, a não ser a do orador, será confiada à imortalidade?*

*Década de Tito Lívio.*⁸ Também não deve causar estranheza que um autor como Charles-Louis de Secondat, mais conhecido como Barão de Montesquieu, inspire-se em Políbio quando compõe a sua teoria dos três poderes no *O Espírito das Leis* e tenha Roma como tema de um de seus principais tratados *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e da sua decadência.*⁹

O autor, porém, que se notabilizou nessa forma de análise foi, sem dúvida, o escritor inglês Edward Gibbon e sua obra monumental o *Declínio e a Queda do Império Romano.*¹⁰ Entretanto, ao contrário do que se supõe, este escrito não é apenas uma reflexão sobre a “queda” de Roma, mas, acima de tudo, uma apologia de suas virtudes culturais e morais, cujo apogeu foi a época dos Antoninos (132-180 a.C.). A decadência ocorreria pelo enfraquecimento dessas qualidades, em especial no que se refere ao engajamento dos cidadãos nos negócios da cidade que passa a diminuir à medida em que o Império se cristianiza, dentre outros fatores. Por fim, também merecem menção outras obras de referência como Oswald Arnold Gottfried Spengler (*O Declínio do Ocidente*) e Arnold Toynbee, no seu monumental *Um Estudo de História.*

Não caberia no escopo desse artigo expor uma análise aprofundada sobre o tema da “queda de Roma”, até porque isto seria feito aqui não pelo reforço dessa noção, mas pela desconstrução de conceitos como *crise* e *queda* como faz Henri-Iréné Marrou.¹¹ O que se deseja é realizar uma síntese dessas visões sobre “o declínio de Roma” a fim de identificar algumas persistências.

Como salienta Jacque Le Goff, a palavra decadência não existe no latim romano. A nossa expressão atual é derivada da palavra *decadentia* do latim medieval, de origem ainda incerta e de uso discutível. Entretanto, como aponta Marcello Paniz Giacomoni e mesmo Le Goff, a ideia de decadência já pode ser percebida embrionariamente em palavras gregas, com *phthorá* (ruína), e latinas como *inclinata* (declínio), *exhauriatur* (esgotar, corromper) e *labente* (queda, diminuição). Giacomoni inclusive chama atenção para a fórmula *inclinata res publica* (declínio do Estado), encontrada em Cícero e

⁸ MACHIAVELLI, Niccolò. Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio. Sao Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁹ MACHIAVELLI, Niccolò. Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio. Sao Paulo: Martins Fontes, 2007. [substituir essa nota pelo termo *idem*]

¹⁰ GIBBON, Edward. The decline and fall on the roman empire. New York : Modern Library, s/d.

¹¹ LE GOFF, Jacques. Decadência. In: ROMANO, R. (org.). Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1984. pp. 393-424.

Salústio.¹² Outro ponto importante apresentado pelos autores citados é que a ideia de decadência não constitui propriamente um conceito. Na verdade, poderíamos dizer, trata-se de uma “imagem” relativamente difusa e cujas causas e consequências são as mais diversas, não sendo assim absurdo pensar a sua relação com o imaginário.

Das diversas concepções de decadência – que aqui não nos interessa recuperar em sua totalidade –, vale ressaltar duas: de um lado, a que pensa que o mundo está caminhando num processo de degradação constante que levará inevitavelmente a um fim que não tem mais volta ou que está se encaminhando para um término de um ciclo que obrigatoriamente implicará na sua ruína com a sua necessária regeneração em algo novo; de outro lado, aquela que percebe o processo de degradação, idealizando o passado em relação ao presente, mas que defende a possibilidade ainda da regeneração do processo de decadência por ações corretivas. Como ressaltam Le Goff e especialmente Santo Mazzarino, a primeira versão não é própria do mundo antigo, que não concebeu necessariamente a ideia do fim total do mundo, embora, tenha-o pensado em termos de corrupção e queda.

Por fim, vale ressaltar uma distinção entre as visões da decadência. Uma delas concentra-se numa explicação da queda cíclica romana, fundada numa visão organicista das sociedades humanas no qual o “declínio” de Roma seria um processo natural, pois todos os impérios e/ou civilizações teriam o seu nascimento, o seu crescimento, seu apogeu e, por fim, a sua morte, onde se destacam autores como Toybee e Spengler. Outra visão procura explicar a “queda de Roma” por ela própria, como o caso de Gibbon. Neste ponto, temos, de um lado, as explicações externas, segundo as quais Roma foi paulatinamente se degradando por influências de outros povos, quer seja pelos constantes ataques militares, quer seja pelo próprio efeito negativo do contato com novas e diferentes civilizações, em especial os “bárbaros” e os “orientais”. De outro lado, a degradação interna, na qual a influência externa pode contribuir, mas não é definitiva.

A pesquisa – métodos e metodologias

Pesquisar temas contemporâneos tendo como fonte postagens na *internet* não é exatamente uma tarefa fácil e sem margens para dúvidas e reparos. O grande volume de postagens, a sua enorme fluidez e volatilidade, bem como a sua diversidade, podem desanimar o pesquisador, implicando em

¹² GIACOMONI, Marcello Paniz. Ecos de uma tradição : a ideia de decadência na obra *Epitoma Rei Militaris*, de Flavius Vegetius Renatus [manuscrito]. 2011, p. 68-69.

consideráveis desafios metodológicos. Um dos problemas a ser considerado é, digamos assim, a grande disparidade entre os materiais encontráveis *on line* e, notadamente, a sua falta de maior “preparo intelectual”, oferecendo informações e opiniões no geral duvidosas, as quais, em muitos casos – quando, por exemplo, os falantes se aproveitam de um “anonimato provisório” permitido pela criação de “perfis fakes” – são ainda propositadamente “falsas”. Tudo isso, além de dificultar a validade da pesquisa, pode provocar a ojeriza dos investigadores voltados a temas “mais sérios”. Todavia, para o meu interesse de pesquisa, são exatamente essas características que tornam essa fonte tão interessante, na medida em que me permitem falas diversas e dispersas que, de outra maneira, permaneceriam publicamente caladas. Ou seja, não me interessa propriamente encontrar aqui falas “autorizadas” sobre o tema da “decadência de Roma”, mas sim ter acesso – mesmo que limitado e provisório – às representações que circulam nos mais diferentes espaços sociais, para o que a *internet* serve como um depósito de indícios.

Para dar conta dessa tarefa, dividimos nossos procedimentos de pesquisa em três etapas básicas. A primeira consiste no mapeamento na *internet* de postagens em páginas, blogs, sites e perfis em redes sociais nos quais existam tentativas de relacionar temas como “Roma Antiga” e “Brasil Atual”. Para isso, uma questão prévia foi definir os termos que servem de base para a varredura inicial. No caso do material aqui apresentado, estes termos foram *Roma + Antiga + Brasil + atual*, optando-se por palavras simples e sem o uso das aspas para permitir uma pesquisa o mais aberta possível. Além do mais, preferiu-se proceder a uma pesquisa pela modalidade de “navegação anônima” a fim de evitar que o meu perfil como pesquisador de Antiguidade interferisse na seleção do material ofertado pelo *Google*.¹³ Todavia, como não poderia deixar de acontecer, o resultado inicial dessa varredura correspondeu a 22 milhões e 400 mil itens, conforme indicado pelo site de pesquisa. Dessa maneira, foi necessário um novo processo de depuração da amostra, para o que se efetuou um estudo técnico sobre os critérios empregados pelos algorítmicos do *Google* à época da pesquisa (maio e junho de 2019) para selecionar e hierarquizar as postagens no sistema de busca.¹⁴

¹³ A escolha da plataforma de pesquisa *Google* em detrimento de outras se deu pelo fato de ela corresponder a mais de 90 % das procuras efetuadas na *internet* atualmente no Brasil. Sobre isso, ver: “Sites de Busca: Conheça os 10 Buscadores Mais Usados no Mundo”, Nei Patel. Disponível em <https://neilpatel.com/br/blog/sites-de-busca/>, consultado em 02 de dezembro de 2019.

¹⁴ No período da pesquisa, o algoritmo empregado pelo *Google* era o *March 2019 Core Update*. Utilizou-se também para análise os critérios empregados pelos algoritmos anteriores, a fim de perceber as maiores permanências de padrões entre os sistemas,

A partir desse estudo, podemos identificar dois blocos de critérios de classificação das postagens que determinam o seu grau de visibilidade no site de busca:

A) Em relação à tecnologia utilizada pelo site/página pesquisada, notadamente no que se refere à “estrutura” interna ao site, que facilita navegação do usuário:

A1) responsividade, ou seja, sites que se adaptam aos *mobiles*, como celular e tablet;

A2) facilidade de navegação e carregamento rápido das páginas;

A3) estrutura do *menu* coerente: didática, fácil de entender;

A4) todas as páginas (abas) devem ter a palavra-chave;

A5) programação limpa e amigável.

B) Em relação ao conteúdo do site frente aos termos usados para a busca, o algoritmo privilegia:

B1) textos que utilizam palavras-chave, ou seja, os termos mais digitados na pesquisa;

B2) textos que não são cópias de outros, sendo é considerado cópia parágrafos iguais com mais de 4 linhas; quando se identifica a cópia é dada prioridade às postagens mais antigas, logo, provavelmente contendo o texto original;

B3) páginas que apresentam maior quantidade de acessos até o momento da pesquisa, ou seja, cria-se um ciclo crescente, pois, o acesso dá visibilidade e visibilidade dá mais acesso;

B4) conteúdos que citam *links* externos com credibilidade reconhecida pelos critérios dos sistemas: número de acessos, sites citados por outros, etc;

B5) por fim, acessibilidade.

Com base nesse estudo, podemos tirar algumas conclusões relevantes para a nossa pesquisa que podem guiar a escolha de um material representativo. Primeiro, tendo em vistas os critérios técnicos de hierarquização, os algoritmos do *Google* tendem a privilegiar sites/páginas com uma

como Panda, Penguin, Hummingbird, Mobile, etc. As fontes de consulta para esta pesquisa foram Neil Patel (<https://neilpatel.com/br/>), Semrush (<https://pt.semrush.com/blog/>), Rock Content (<https://rockcontent.com/>), Search Engine Land (<https://searchengineland.com/>), Resultados Digitais (<https://resultadosdigitais.com.br/blog/>) e (Central do Google para Webmasters (<https://webmasters.googleblog.com/>)).

estrutura de navegação melhor elaborada, dando mais visibilidade a plataformas profissionais em relação às “amadoras” e/ou pessoais. Segundo, tendo em vista a questão do conteúdo, o sistema dará preferência a postagens mais coerentes com os termos da busca, que apresentam maior originalidade e, especialmente, tenham maior visibilidade medida pelo acesso anterior dos usuários. Desta forma, é possível dizer que a hierarquização das postagens pelo *Google* em uma pesquisa por palavras favorece um material mais profissional e, desta forma, fornece um acesso desigual à “fala pública” para os diferentes interlocutores que buscam publicidade às suas ideias na *internet*. Ao mesmo tempo, esse estudo também nos autoriza a dizer que as postagens que são priorizadas pelo *Google* na ordem de sua apresentação ao internauta apresentam um razoável grau de representatividade sobre aquilo que é mais visto e lido, ao dar prioridade aos textos mais originais e mais acessados pelos usuários. Além disso, a página de pesquisa desta ferramenta ainda nos oferece informações adicionais, como a sessão “As pessoas também perguntam” mostrando outros questionamentos colocados pelos *navegadores* em relação ao tema que estamos investigando. No nosso caso, surgiram questões interessantes como “Quais as diferenças entre a Antiga República Romana e a forma de governo do Brasil atual?”, mostrando que o tópico de nossa inquirição já foi objeto de curiosidade de outros usuários.

Por fim, levando em conta estas questões, nossa pesquisa inicial se deteve nas 50 primeiras publicações elencadas pelo *Google* no levantamento que fizemos no dia 20 de maio de 2019 que agora estão sendo submetidas ao processo de análise, sendo que seriam descartadas todas as páginas notificadas como “publicidade”, mas estas não apareceram.

Isso nos remete a segunda etapa da investigação, na qual procuramos classificar as postagens a partir das seguintes características quando houver informações disponíveis: **a) quem fala**, a partir da identificação do autor na postagem por sua formação educacional, pela profissão exercida, por sua condição como interlocutor (autor do texto, colaborador, comentador, etc.), pela sua faixa etária e pelo sexo/gênero; **b) de onde fala**, ou seja, se a postagem está em um blog, em um site ou em redes sociais; se o espaço da postagem é “profissional” ou “amador/pessoal”, se é coletivo ou individual e, por fim, se está ligado a alguma área de conhecimento específica e qual seria ela; **c) para quem se fala**, ou melhor, para qual público preferencialmente a material se dirige (pessoas em geral, estudantes, profissionais especializados, etc.); e **d) o que se fala** sobre o tema.

Por fim, como terceira etapa, a categorização e a unitarização do *corpus* documental com vistas a encontrar as principais relações de sentidos

estabelecidas nos textos: temas, figuras, causalidade, analogia, etc., fase na qual se encontra a pesquisa nesse momento.

Alguns resultados provisórios: Roma entre lição a ser seguida e exemplo a ser evitado.

Tendo em vista que a pesquisa em questão ainda está em fase de análise de dados, não temos resultados definitivo sobre a temática aqui abordada. Mas, para a redação desse artigo, podemos apresentar algumas considerações iniciais a partir do estudo dos 10 primeiros casos elencados pelo *Google* na nossa investigação original, cujas características foram organizadas na tabela abaixo.

MAPEAMENTO DISCURSO SOBRE: ROMA + ANTIGA + BRASIL + ATUAL																
Data do levantamento inicial: 31/05/19																
OCUPAÇÃO	FORMAÇÃO	Q*	ONDE FALA?				P*	A*	FAIXA ETÁRIA						O QUE FALA?	
			Educação	Jornal On Line	Revist. Acad.	Blog Pessoal			< 14	15 A 20	21 A 30	31 A 40	41 A 50	> 51		
Estudantes Ensino Médio e Fundam.	Ensino Médio e Fundam.	4	4				3	1	4							Pão e circo; manipulação; assistencialismo ; diferenças sociais
Advogados/Direito	Direito	2		1	1		2	0				1		1	Desemprego; pão e circo ; desemprego; manipulação, golpe de Estado;	
Professores História	História	2	2				1	1			1		1		Oratória; direito; mitologia; legislativo; representação política; conspiração;	
Eclesiástico	Teologia	1				1	0	1						1	decadência, massas passivas, pão e circo , crise moral, assistencialismo	
Empresário/Ensaísta	Ciências Sociais	1		1			1	0						1	decadência, massas passivas, pão e circo , crise moral, assistencialismo ;	
TOTAIS		10	6	2	1	1	7	3	4	1	1	1	1	3		

Q*: quantidade de postagem
P*: página/site considerada profissional, com nome institucional, postagens periódicas e patrocinadores
A*: página/site considerada amadora/pessoal, sem nome institucional, sem periodicidade atestada e sem patrocinadores

Sobre os dados organizados acima, pode-se fazer algumas inferências que, embora provisórias e sujeitas a confirmações ou revisões por investigações mais extensas, parecem-me bastantes significativas. A primeira delas diz respeito à prevalência da área do Ensino da História nas postagens, nas quais encontramos quatro autores identificados como aluno/as do Ensino Médio e Fundamental e dois professores da área de História, perfazendo a maioria da amostra. Da mesma forma, chama atenção o fato de 7 das 10 páginas/sites pesquisados terem sido classificados como “profissionais”, sendo 4 ligados à área da educação como o site *Brainly*¹⁵, com duas postagens, o *EscolaKids*¹⁶ e o *Ensinar História*¹⁷. Por fim, quando observamos os temas presentes nas publicações, vemos que, na fala dos estudantes, aparecem expressões como *Pão e circo, manipulação, assistencialismo e diferenças sociais*; já, na fala dos professores, percebemos assuntos mais “neutros” como *oratória, direito, mitologia, legislativo, representação política e conspiração*. Ou seja, parece haver uma maior “politização” dos temas abordados no discurso dos alunos em relação aos dos professores, que preferem ficar nos limites dos conteúdos escolares tradicionais. Quando migramos para outras áreas de atuação, os temas se politizam bastante, havendo predominância de expressões como *pão e circo, manipulação, golpe de Estado, decadência, crise moral, assistencialismo e massas passivas*, sem fazer muita diferença a área de atuação e/ou formação do falante. Por fim, no que se refere à faixa etária dos autores, o fato curioso é que as postagens ficaram divididas em dois extremos: 4 para o grupo de 15 a 20 anos e 3 para o grupo acima dos 50, estando as outras três espalhadas pelos demais intervalos.

Feita essa análise mais geral, passamos agora para considerações mais detalhadas de alguns casos particulares. Na postagem de um dos grupos de estudantes, feita em maio de 2016, quando os alunos dissertaram, num site de compartilhamento de conteúdos, sobre o tema “História - Roma Antiga x Brasil atual: Análise (*sic*) crítica (*sic*) da vida pública (*sic*) e política da Roma antiga e do Brasil atual”,¹⁸ podemos ler:

Os Romanos antigos usavam o **pão e circo para entreter e confortar os escravos e pobres**. Hoje o **futebol tem o mesmo papel no Brasil**, ele faz as pessoas se preocuparem demais com futebol e de menos com o que realmente importa. **Os brasileiros são a terceira população mais ignorante sobre si mesmo**, atrás somente de México e Índia (*Educação: Perguntas e Respostas* – Estudante E. Médio).

¹⁵ <https://brainly.com.br/>, consultado em 29 de maio de 2019.

¹⁶ <https://escolakids.uol.com.br/>, consultado em 29 de maio de 2019.

¹⁷ <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/>, consultado em 29 de maio de 2019.

¹⁸ Disponível em <http://soldaliberdade1ano.blogspot.com/2014/05/historia-roma-antiga-x-brasil-atual.html>, e consultado em 31 de maio de 2019.

Em outro texto mais abaixo, encontra-se:

Mantendo em vista a política da Roma antiga e comparando-a, ambas [política brasileira e romana] se parecem, pois **a política da Roma é bastante parecida na forma em que aqui no Brasil as pessoas que trabalham para os políticos também exercem os trabalhos braçais e vários outros tipos de trabalhos** em que eram adaptados **aos escravos romanos**. O espaço que o escravo ocupava dentro desta sociedade era bastante amplo, ele chegava a ser considerado da família o que não o isentava da violência e exploração vinda por parte de seus donos. [...] **No Brasil os trabalhadores também exercem um lugar na sociedade mais este lugar e (sic) bastante ignorado** por muitas pessoas inclusive por seus próprios patrões. **No Brasil existe o trabalho feminino assim como na Roma**, as mulheres são chamadas de domesticas (sic) elas trabalham nas casas de pessoas onde podem ser consideradas da família mais não podendo esquecer que são domesticas e que tem que cumprir com o seu trabalho e não misturar as coisas na relação entre empregados e patrões. **Outro ato extremamente político dentro da Roma era o casamento legítimo**, onde o casamento tinha por principal objetivo a política, um aristocrata se casaria com a filha de outro aristocrata a fim de manter a hierarquia social dentro de ambas as famílias e perante a sociedade. **Ainda no Brasil existe este tipo de casamento por parte das pessoas de níveis sociais nobres**, mesmo que seja por poucas pessoas. *Educação: Perguntas e Respostas – Estudante E. Médio).*

Temos aqui duas formas distintas de abordagem da comparação entre Roma Antiga e o Brasil Atual: na primeira, encontramos a associação “funcional” entre o termo “pão e circo” a importância dada ao “futebol” no Brasil; é uma observação crítica sobre a sociedade romana e a brasileira igualadas pela questão tradicional da “manipulação política”, inclusive com considerações muito negativas em relação à suposta “ignorância da população brasileira sobre si mesmo”, que aparece como uma das condições que facilitaram a sua “manipulação”. A outra postagem é bem diferente e muito mais rica, num esforço realmente criativo de encontrar variadas vinculações entre Roma e o Brasil contemporâneo (trabalho, condição da mulher, casamento). Chama atenção, porém, a busca de relações através do tema da “exploração do trabalho”, transparecendo a impressão de que a existência ainda de semelhanças nesse ponto entre uma sociedade antiga e a contemporânea indicaria a falta de “evolução” nesse item, sobretudo quando se relaciona o trabalho assalariado no Brasil ao trabalho escravo em Roma.

Saindo do universo dos estudantes, vamos avaliar três artigos publicados em jornais *onlines* e *blogs*. O primeiro deles foi postado no informativo *Minuto do Nordeste*, em maio de 2015, com o extenso título “Roma Antiga e o Brasil Atual: Uma Política (sic) de Poderes Individuais? O cenário político do Brasil está em ruínas, pois antes da fumaça sempre há muito fogo.” Sobre Roma, o autor escreve:

O congresso brasileiro e as Assembleias Estaduais mostram que **as conspirações e os conchaves dos antigos romanos eram coisas de jardim da infância** e brincadeiras históricas. E que a **busca pelo poder e (sic) prestígio ainda é a fome que eles buscam saciar**. O povo é apenas um detalhe [...]. São usados e excretados a cada biênio e sem respeito algum aos eleitores propagam seus **milagres assistencialistas** como metralhadoras e seu fogo mortal. [...]

Quantos Brutos e quantos Césares existem no atual sistema político do Brasil? Sem saber quem e quais são, só uma certeza é verdadeiramente real: a que o **povo é o único traído** e por ser grandiosamente **indefeso vive no obscuro silêncio da passividade** (*Jornal Minuto do Nordeste*, artigo, empresário graduado em Ciências Sociais).¹⁹

Outro artigo foi postado, em abril de 2016, por um advogado no site GGN, publicação do conhecido jornalista Luís Nassif,²⁰ e trata do tema das delações premiadas associadas às investigações da *Operação Lava Jato*, com o título “Delações premiadas: Brasil atual x Roma antiga”. O autor inicia abordando um texto do próprio Nassif criticando o uso das delações premiadas nas investigações em curso, afirmando o seguinte:

[...] gostaria de **resgatar** aqui alguns **outros experimentos de delação premiada**. Os **conflitos em Roma eram permanentes**. Quando havia fartura, os patrícios lutavam para aumentar seus privilégios ou para conservá-los e plebe buscava adquirir direitos e espaço político. **Diante da escassez os representantes das duas ordens acusaram-se mutuamente**, cada qual se dizendo irresponsável pela crise.

Depois dessas considerações iniciais, o escritor se reporta aos casos de dois líderes romanos distintos, Espúrio Melo, que teria tentado um golpe de Estado no início da República Romana, o qual foi descoberto e devidamente debelado, e Camilo²¹, acusado injustamente por Mânlio Capitolino de ter se apropriado do tesouro romano dado como resgate aos gauleses quando estes saquearam Roma, em 390 a.C. Camilo teria sido inocentado desse crime e Mânlio preso pela falsa acusação. Retornando a tratar da política brasileira, o articulista assevera

Para se salvar dos crimes que cometeram, alguns delatores amplificam a onda de anti-petismo diariamente disseminada por tucanos e jornalistas inconformados com a vitória de Dilma Rousseff. Alguns delatores (*sic*) tem sido transformados em heróis de telenovelas jornalísticas e policiais. [...]

O Brasil já foi chamado de a última flor do Lácio. Portanto, **impossível não perguntar que República romana nós desejamos para o Brasil? Aquela que não existiu** (em que Espúrio Melio e Mânlio Capitolino conseguiram o que

¹⁹ Disponível em <http://www.minutonordeste.com.br/noticia/roma-antiga-e-o-brasil-atual-uma-politica-de-poderes-individuais/223>, consultado em 20/05/19

²⁰ Disponível em <https://jornalggn.com.br/noticia/delacoes-premiadas-brasil-atual-x-roma-antiga/> e consultado em 22 de maio de 2016.

²¹ Trata-se de Marcus Furius Camillus, líder político e militar do início da República Romana, que foi diversas vezes tribuno consular e ditador.

desejavam) ou a **que realmente floresceu** (após proteger o herói Camilo)? (GNC, artigo, advogado)

Temos acima mais duas falas que se assemelham se distanciam. Na primeira, é novamente feita uma relação direta entre a política romana e a brasileira atual, mas em detrimento da nossa realidade. De comum, Roma Antiga e o Brasil teriam as “conspirações” e os “conchaves”, a busca pelo poder e um povo passivo e mantido na obscuridade. Todavia, com essa comparação o autor procura, não propriamente elogiar o mundo antigo, mas usar o caso romano como um parâmetro negativo da vida política e mostrar que no Brasil a situação é ainda pior. Já, no segundo exemplo, temos uma postura diferente: se, no início, condena-se uma suposta prática romana de denunciar adversários como arma política – a qual o autor associa, curiosamente, às “delações premiadas” feitas como desdobramento da *Operação Lava Jato* –, a lembrança do caso de Roma não é propriamente negativa, pois oferece uma alternativa positiva para tratar desse problema. Ou seja, o apelo à história romana é feito para oferecer exemplos corretos de como lidar com o uso político das “denúncias públicas” contra os “heróis nacionais”, buscando-se equivalência entre as “delações premiadas” e as acusações falsas feitas por Mânlio contra Camilo, embora o autor não tenha se encorajado em vincular diretamente o tribuno romano com a então presidente brasileira.

A última postagem que iremos analisar difere das demais por se tratar de um texto cujo autor, ao contrário dos anteriores, era uma personalidade publicamente mais conhecida e com um forte ativismo político nas redes sociais e em programas de televisão: o Pe. Católico Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, proprietário de um *blog* com o seu próprio nome (pepauloricardo.org) e seguidor declarado das ideias conservadoras de Olavo de Carvalho.²² Em um artigo publicado em dezembro de 2013, ou

²² Conforme consta no seu canal no Youtube, o Pe. Paulo Ricardo é atualmente sacerdote da Arquidiocese de Cuiabá/MT (<https://www.youtube.com/user/padrepauloricardo/about>) e proprietário do blog com o seu mesmo nome: <https://padrepauloricardo.org/>. Sobre a influência de Olavo de Carvalho em seu pensamento, o próprio blog do sacerdote informa sobre isso, ao introduzir um vídeo que o mesmo gravou para comentar entusiasticamente o livro de Carvalho “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”: “O trabalho intelectual do Padre Paulo Ricardo foi profundamente influenciado por Olavo de Carvalho. Como sacerdote fiel à Tradição e ao Magistério da Igreja, Padre Paulo tinha dificuldades para entender por que havia tantos empecilhos, fora e até dentro da Igreja, para transmitir a fé e a moral católicas. A partir de 2002, quando entrou em contato com o professor Olavo, ele começou a entender o motivo e, deste encontro profícuo com Olavo, nasceu o conhecido curso ‘Revolução e Marxismo Cultural’” (*Ao Vivo com Pe. Paulo*, 11 de setembro de 2013, disponível em

seja, na segunda metade do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, o Pe. Paulo vai buscar na Roma Antiga referências para fazer críticas à realidade brasileira daquela conjuntura. O próprio título longo do texto já é um indício do tipo de abordagem pretendida pelo sacerdote: **“Os tempos de hoje, como nos tempos de Roma: É impossível não relacionar a decadência moral do Império Romano à fragilidade dos costumes apregoados pela modernidade.”** No texto, logo de início, o padre já indica o uso que pretende dar à história, ou seja, como manancial de lições sobre o presente:

Olhar para **alguns capítulos mais distantes da história pode ser ocasião para grandes aprendizados: a lição dos heróis e dos gigantes de outros tempos pode indicar-nos a direção a trilhar** enquanto, por outro lado, as imprevisões e **erros antigos aconselham ao homem moderno qual caminho não tomar.**

Em decorrência dessa perspectiva, na sequência, o autor já nos alerta que, em sua opinião, a “história da Roma Antiga tem suas páginas memoráveis”, mas,

ao mesmo tempo, porém, à narrativa de alguns **costumes decadentes no Império Romano é impossível não relacionar a fragilidade moral dos tempos atuais.** Enquanto Jesus nascia, em Belém, na Palestina, o ambiente que o circundava era repleto das mais terríveis maldades, práticas que, infelizmente, o homem contemporâneo tem descido para recuperar, **precipitando a civilização em uma nova – e mais devastadora – ruína.**

Terminado o alerta inicial, Pe. Paulo, então, passa a elencar o que seria, para ele, os principais exemplos dessas similitudes entre Roma e o mundo atual.

E as **semelhanças não são poucas**, a começar pela **excessiva intervenção do Estado na vida dos indivíduos.** O historiador francês Daniel-Rops avalia: "Em todos os tempos e países, a substituição das tendências naturais do homem pela vontade do Estado é **sempre um indício de decadência.** Um povo está muito doente quando, para viver honestamente e ter filhos, necessita de prêmios ou de regulamentos". Em **Roma**, "**uma massa popular mais ou menos ociosa**, formada por camponeses desenraizados, trabalhadores autônomos agora privados de trabalho, escravos libertos e estrangeiros cosmopolitas" formou um terreno fértil para o **parasitismo estatal.** [...]

Feitas essas citações do escritor e professor de História francês Henri Petiot (cujo pseudônimo literário era Daniel-Ropos) sobre uma suposta relação entre intervencionismo estatal e decadência civilizacional, com referência direta à Roma, o Pe. Paulo retoma o caso brasileiro:

<https://padrepauloricardo.org/episodios/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota> e consultado em 05 de agosto de 2019).

Muitos dos **nossos contemporâneos** têm **substituído a livre iniciativa**, os seus próprios sonhos e projetos, para **viver à custa do Estado**, granjeando benefícios sem passar pelo fardo duro do trabalho; **têm preferido a medíocre política panem et circenses a uma vida de batalha** diária na família, no trabalho ou nos estudos - uma vida de sacrifícios, sim, mas de muito maior e mais nobre valor moral.

Embora o artigo do sacerdote católico estabeleça outras relações entre a “decadência” do Mundo Antigo e a “decadência” moral moderna – como a existência de um declínio demográfico no mundo romano semelhante à queda da fertilidade que ele identifica na contemporaneidade -, para o nosso propósito, as citações acima já são suficientes. E o que encontramos nelas? Está presente novamente a percepção da História como *exempla*, ou seja, como fonte de ensinamentos sobre o que fazer e o que não fazer na sociedade atual, agora, porém, de forma mais clara. Igualmente identificamos referências à política de “pão e circo” como algo associado à passividade e à apatia da população. Todavia, identifico duas diferenças que vale a pena salientar. A primeira diz respeito à introdução, de maneira eloquente e até dramática, do tema da “decadência de Roma” associada à “decadência contemporânea”, que ainda não tinha aparecido de forma tão nítida nas postagens anteriores, embora compartilhe com estas a convicção de que o caso atual seja pior do que o antigo. A segunda está na relação entre essa decadência moral - e a passividade da população que a acompanha - ao “intervencionismo estatal”, que provocaria o “parasitismo estatal”, ou seja, a tendência da população em preferir substituir a “livre iniciativa” para “viver às custas do Estado”. Essa é, sem dúvida, uma interpretação pouco comum atribuída aos efeitos negativos de uma “política de pão e circo” reinventada na contemporaneidade, a qual, normalmente, é percebida como resultado de um “assistencialismo” ou um diversionismo dos poderes públicos e não com termos típicos do pensamento econômico liberal.

Como conclusão

Embora a pesquisa atual já tenha avançados em consideráveis pontos, ainda temos mais perguntas do que propriamente respostas no tratamento do tema sob investigação. Porém, na análise inicial apresentada acima, já é perceptível algumas constatações. A primeira é a forte presença do tipo de abordagem que apontamos desde o início, ou seja, do uso da História – e notadamente da História Romana – como um depósito de exemplos para guiar as ações contemporâneas. Em outras palavras, uso e abuso do “método intuitivo” de procurar, através de analogias com o passado, explicação para a realidade contemporânea brasileira. Além disso, reforça-

se a ideia que, majoritariamente, a busca desses “exemplos” se dá pelo viés negativo, sendo Roma Antiga, no geral, vista como um lugar da corrupção, ambição desenfreada e decadência moral. O tema propriamente da *decadência romana*, aliás, apesar de não ser abordado de forma muito direta – a palavra pouco apareceu nas postagens –, parece ser uma ideia subjacente à maior parte das argumentações, notadamente quando elas buscam em Roma comparações com o que não deve ser feito. De qualquer maneira, uma questão que chamou atenção pela sua presença em duas das amostras apresentadas foi a ideia de que o mundo contemporâneo, não apenas repete os erros do mundo antigo, mas os aprofunda e acirra, promovendo um nível de “queda moral” ainda mais dramático. Tudo isso nos leva a crer na forte presença de um imaginário político de uma “Roma da corrupção e da decadência” na maioria das postagens, embora ainda não haja elementos suficientes para mapear a forma como tais percepções chegaram até as falas encontradas na pesquisa.

Ainda não temos elementos também para dizer se existem diferenças na apropriação argumentativa do mundo romano por falantes mais ligados à esquerda ou à direita do espectro político nacional. Da pequena amostragem que analisamos, as visões mais drásticas e decadentistas sobre Roma apareceram com mais intensidade em postagens identificadas com autores vinculados ao pensamento conservador, enquanto o texto mais próximo à esquerda política trouxe uma visão menos negativa de Roma. Contudo, o estágio inicial e o tamanho ainda reduzido da base empírica da pesquisa não permitem constatações mais conclusivas.

Por fim, duas constatações que me preocupam. De um lado, a forte percepção de uma “política do pão e circo” associada à manipulação do “povo” pelos poderosos e à “passividade das massas”, ideias há muito tempo difundidas sobre a “plebe” romana, mas que já é objeto de contestação da bibliografia especializada.²³ Todavia, percebe-se a insistência na difusão desta percepção conservadora e preconceituosa sobre o “povo romano” e sobre o “povo brasileiro”, por extensão. De outro lado, o fato de esta percepção preconceituosa perpassar tanto postagens mais voltadas para o debate político, quanto às relacionadas ao ensino da História, constatação que deve servir de alerta aos especialistas de História Antiga sobre o domínio público de sua área de atuação.

²³ Ver, por exemplo, GARRAFFONI, Renata Senna. Panem et Circenses: Máxima Antiga e a Construção de Conceitos Modernos. In: PHOÏNIX/UFRJ/LHIA. Ano XI. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2005. p. 246-267.

Refefências bibliográficas

AUGUET, Roland; CAZENAVE, Michel. *Os imperadores louco: Ensaio de mito-análise histórica*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1995.

CICERÓN M. T., *El Orador*, ed. bilíngue, texto revisado e traduzido por A. Tovar e A. R. Bujaldón, Barcelona, Alma Mater, 1967.

CLEDAT, L.. *Vocabulaire Latin : familles et groupements de mots*. Paris : Librairie Armand Colin, 1924

ERNOUT, Alfred. *Morphologie historique du latin*. Paris : C. Klincksieck, 1945. xiii, 404 p.

GARRAFFONI, Renata Senna. *Panem et Circenses: Máxima Antiga e a Construção de Conceitos Modernos*. In: PHOÏNIX/UFRJ/LHIA. Ano XI. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2005. p. 246-267.

GAFFIOT, F.. *Dictionnaire abrégé latin français*. Paris : Hachette, 1936. 720 p.

GIACOMONI, Marcello Paniz. *Ecos de uma tradição : a ideia de decadência na obra Epitoma Rei Militaris, de Flavius Vegetius Renatus [manuscrito]*. 2011.

GIBBON, Edward. *The decline and fall on the roman empire*. New York : Modern Library, s/d.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo. Ed.Cia das Letras,1987.

LE GOFF, Jacques. *Decadência*. In: ROMANO, R. (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1984. pp. 393-424.

MACHIAVELLI, Niccolò. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo : Martins Fontes, 2007.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. *O espírito das leis : as formas de governo, a divisão dos poderes*. 9. ed. São Paulo : Saraiva, 2008.

_____. *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e da sua decadência*. São Paulo : Saraiva, 1997.

MARROU, Henri-Irénée. *Décadence romaine ou Antiquité tardive ? III^e-VI^e siècle*. Éditions du Seuil : Paris, 1977.

MAZZARINO, Santo. O fim do Mundo Antigo. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

THESAURVS LINGVAE LATINAE. Lipsiae [i.e. Leipzig] : In Aedibus B.G. Teubneri, 1900-1960 v.

Fontes online

Brainly.< <https://brainly.com.br/>>.

Central do Google para Webmasters. <<https://webmasters.googleblog.com>>.

Diário do Centro do Mundo.
<<https://www.diariodocentrodomundo.com.br>>.

Escola Kids. <<https://escolakids.uol.com.br>>.

Ensinar História.<<https://ensinarhistoriajoelza.com.br>>.

Jornal GGN. <<https://jornalggn.com.br>>.

Jusbrasil. <<https://guilhermetelesadv.jusbrasil.com.br/>>.

Minuto do Nordeste. <http://www.minutonordeste.com.br>>.

Nei Patel Blog. <<https://neilpatel.com/br/blog/>>.

O Estado de S. Paulo. <<https://politica.estadao.com.br/>>.

Pe. Ricardo Blog. <<https://padrepauloricardo.org>>.

Rock Content. <<https://rockcontent.com/>>.

Resultados Digitais. <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/>>.

Search Engine Land. <<https://searchengineland.com/>>.

Semrush. <<https://pt.semrush.com/blog/>>

Sun of Freedom.<<http://soldaliberdade1ano.blogspot.com>>.